



Luiz Ricarte adora brincar de "lutinha" com o pequeno Rafael: contação de histórias todas as noites, antes de dormir

Arquivo Pessoal

A palavra compartilhada

O psicólogo Luiz Ricarte Serra Filho, 38 anos, revive com Rafael Hideki Tazima Ricarte, 3, o hábito de contação de histórias que adquiriu com o pai. E encontra na palavra contada um elo não só com o pai, já falecido, mas também com o avô, que não conheceu pessoalmente, e com o próprio filho.

Na infância, Luiz não tinha muito tempo com o pai, que era médico e trabalhava longas horas. O psicólogo ficava acordado até tarde, esperando que ele chegasse para aproveitava cada momento. Na adolescência, o médico se aposentou e todas as manhãs fazia vitamina para Luiz.

Eles faziam questão de assistir aos jogos de futebol juntos, tanto os do São Paulo, time do Luiz Filho, quanto do Fluminense, clube do coração de Luiz Ricarte Serra. Os dois viajaram juntos para assistir a algumas partidas e até curtiram uma final da Libertadores.

Na memória do filho, ficam marcadas as conversas e histórias que Luiz sempre contava sobre o avô do psicólogo. "Eu não o conheci, mas meu pai falava tanto dele, das histórias quase heroicas do meu avô como delegado de uma cidade no interior do Norte, que eu pude ter uma relação próxima com ele. O amor e a

admiração que meu pai tinha por ele eram tão grandes, que passaram para mim."

E Luiz se esforça para garantir o mesmo privilégio para Rafa. Além de ler para o filho dormir, gosta de conversar e relembrar as histórias que ouviu do pai, aproximando avô e neto. Ele mistura as vivências reais com fantasia e cria todo um universo para garantir memórias afetivas tão poderosas quanto as suas para o herdeiro.

Herança repassada

O pai de Luiz morreu um mês depois que Rafael nasceu. Hospitalizado, ele quase partiu anos antes, mas disse que ainda precisava se despedir, e Luiz entende que o pai desejava encontrar Rafael. "Foi muito marcante sentir que ele estava esperando meu filho. Ao mesmo tempo em que me tornei pai, eu perdi o meu. Foi difícil, mas especial saber que ele me preparou para assumir esse papel. É como se eu desse continuidade à existência do meu pai através de mim e do meu filho", emociona-se.

Luiz coloca o filho para dormir todas as noites e, mesmo nos dias mais corridos, encontra uma forma de estar presente. Ele acredita que ainda

estamos muito atrasados no que se refere à divisão igualitária na criação dos filhos. "Muitas pessoas usam a palavra ajudar, mas não é isso. São os homens assumindo a responsabilidade que é deles nessa divisão e diminuindo a sobrecarga, que é muito prejudicial às mães", ressalta.

O psicólogo acrescenta que a construção do vínculo emocional com os filhos depende dessa presença, não só financeira ou física, mas também emocional e afetiva. Para ele, as mudanças começam de dentro e cada pai deve fazer sua parte para garantir um futuro mais saudável para filhos, netos e bisnetos, incluindo a transformação dos papéis e das representações sociais da figura do pai.

Além das histórias, Luiz e Rafael curtem assistir aos programas de tevê juntinhos. Algumas vezes, é futebol; outras, desenhos. Mas o que vale é o abraço que os dois compartilham no sofá enquanto olham para a tela.

Enquanto vê o filho crescer, Luiz segura a ansiedade de assistir ao anime *Naruto* com o pequeno. "A classificação etária é de 10 anos, mas não sei se vou aguentar esperar tudo isso", ri. Brincar de lutinha também está entre as atividades preferidas da dupla, que adora a música do filme de ação *Mortal Kombat*.